

AGRIPA VASCONCELOS
DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS
DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO
DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS

A MORTE
DO
ESCOTEIRO CAIO

IMPRESA OFICIAL
BELO HORIZONTE — 1951

AGRIPA VASCONCELOS
DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS
DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO
DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS

A MORTE
DO
ESCOTEIRO CAIO

IMPRESA OFICIAL
BELO HORIZONTE — 1931



A MORTE DO ESCOTEIRO CAIO

1911

Do Autor:

POESIA

Silêncio, esg.

Nós e os caminhos do destino, poemeto, esg.

Suor de Sangue, "Prêmio Olavo Bilac", da Academia Brasileira

ROMANCE DO CICLO DOS LATIFÚNDIOS MINEIROS

Fome em Canaã, romance premiado. Editora "O Cruzeiro"

ENSAIOS

Alfonsus de Guimaraens e o simbolismo brasileiro

A mocidade velha de Aureliano Lessa

CIÊNCIA

Estudo dos aneurismas arterio-venosos

De que morreu o Aleijadinho

Profilaxia do Paludismo, tese ao 2.º Cong. Bras. de Higiene

Elogio de Miguel Couto

AOS ESCOTEIROS DO BRASIL

CAIO Viana Martins, o escoteiro-padrão
Da tropa do Brasil jaz, sangrando, no chão.
O comboio tombara e, dos carros nas ruínas,
Há quem chore na noite. A tropa era de Minas,
Desta Minas Gerais a que nada detém.
Há feridos sem conta. Estão mortos — uns cem.
Gritam, chamam na treva. Em tumulto, há gemidos,
Há clamores de dor dos “lobinhos” feridos.
E, entre os feridos, calmo, esmagado nos rins,
O escoteiro-padrão Caio Viana Martins.

Súbito, ninguém sabe onde e de onde desperta
Um grito *Sempre alerta!* e, depois: *Sempre alerta!*
Respondem! Mas, meu Deus, é nesse apêlo audaz
Que está todo o valor de que é o Brasil capaz!
Ninguém pôde saber quem gritou, pois vos digo
Que o mineiro é assim mesmo em face do perigo...
Quem seria?... Qualquer! que de um desastre ao fim
Da nossa tropa leal todo escoteiro é assim.
Bradaram *Sempre alerta!* entre as tardas neblinas;
Mas era natural... a tropa era de Minas!

Depois na noite morta a bulha serenou,
O triste entreluzir dos fogos se apagou.
Sob os ferros brutais dos feridos em susto
Alguém tentava em vão soerguer de leve o busto;
Outro agitava, a alçar, com seus apelos vãos,
Nos braços infantis as pequeninas mãos.
Gritavam mas ninguém que os salvar poderia
Ou êsses gestos lhes via, ou os gritos lhes ouvia.

A espaços, na aflição dessa hora de estupor
Ouvia-se, em comando, a ordem de um monitor.
Bem longínquo, do céu sôbre as névoas silentes,
Um trêmulo esplendor de estrêlas impacientes...

Agachada na noite ora a montanha anciã
Cachimbava, calada, uma neblina vã
E em seus flancos, na fria escuridão que aterra
Farolavam, piscando, os lampírios da serra.

Sob os restos do trem, de agônicos no rol,
Muitos dêsses viris escoteiros de escol
Tendo os membros agora em despojos sangrentos
Certo não viverão, tais os seus ferimentos.
E, entre os que vão morrer, de olhos já nos sem-fins,
Está firme e sereno o escoteiro Martins.

Diminuíram por fim do sangue os largos jorros:
Vinham tarde demais os primeiros socorros.
Amanhecia. O céu — todo — de Norte a Sul
Se tingiu de lilá, de púrpura e de azul.
Um médico, a pensar os feridos, estaca
Diante dêle. E ordenou que o levasse na maca.
Zelava por um ser a caminho do além:
Está frio e espectral. Pronta, a padiola vem.

Sem se esperar, no entanto, um enérgico protesto
Sai da boca infantil dêsse escoteiro honesto.

Negou-se a se deitar na padiola porque
Dentro dêle reluz um sol que ninguém vê:
— “Há outros feridos”, diz. — “Socorrei os “lobinhos”...
Para êles reclamava os primeiros carinhos.
Arquejava, a sangrar. Houve um pasmo que dói.
Querem levá-lo; é em vão, que assim responde o herói:
— “Um escoteiro caminha é sempre a pé!”

Contesta,

Toma a bandeira e vai, como em dia de festa!
Pouco importa saber da família, por Deus
Que, na tropa, se achava abrigado entre os seus!
Sombranceiro caminha... E após, tropeça, exangue;

Cambaleia, a esfazer-se em vômitos de sangue;
De sua fronte de herói, tôda em mortal palôr
Escorre, sem cessar, um gélido suor.
Só em sua palidez é que a dor se advinha.
Tentam inda contê-lo. O escoteiro caminha...
Esgotado, a perder as fôrças, êle mal
Podendo erguer bem alto o estandarte triunfal,
Num repente de amor, numa ação decidida
Enrola no pescoço a bandeira querida!
Sabia-se esmagado, e sorria. A morrer
Queria dar à tropa um exemplo do dever!

Quem era êsse valente, êsse herói já tão cedo
Em quem pulsa, tranqüilo, um coração sem mêdo?
Era um menino... O olhar, malaberto ao porvir,
Em cujo corpo estão 15 anos a florir!
Mal sonhava, no ardor dos sonhos multicores,
Com a graça virginal dos primeiros amores.
Ninguém sabe quem foi a amada do donzel,
Se Carmem, se Nadir, se Marta ou se Raquel...
Mas êle prometeu (seu destino o confessa)
Ser um bravo, — e cumpria a máscula promessa!
Sua raça tinha história e bem distinta, pois
Correra sangue seu, digno, em “42”.
Teve, nos ancestrais, guerreiros com bravura

Tombados, num furor, nas cargas de Angustura.
Sim! gostava de ouvir, à narração do pai
Que seu sangue correu no chão do Paraguai.

Ferido agora, vide-o: esquece a própria vida
Como que se revê numa *ordem já cumprida*.
Não chama pelos pais: do delírio através
Fala-nos de seu grupo, achados em revés.
Na exaltação final quer se erguer, escutando
Os apitos do Chefe e os tambores ruflando...

Tornou-se um rei de lenda o escoteiro plebeu !
Agora, indiferente ao que lhe aconteceu
Só êle ouve uma voz, mas voz de ignoto acento,
Em tórno do bivaque, à paz do acampamento.
Escuta... E então se vê com os camaradas peões
A cumprir com respeito as mais nobres missões.
Quer se erguer, quer partir, e, se insiste — revela —
Ê que seu Chefe o pôs de guarda: é sentinela...

De súbito, porém, torna-se estranho... a voz
Se lhe turba; delira. Um sofrimento atroz
Revela o seu olhar. Ante as pessoas pasmas
Que lhe assistem à morte, êle fala a fantasmas.
A fôrça se lhe esvai, fuge-lhe o frenesi;
Empalidece mais. Vai morrer — e sorri.
Lento, já sem poder, vendo alguêm, com decência
Ergue a dextra em respeito e espera, em continência.
E então que na agonia, ante a morte fatal,
Chama pelo Brasil !

E morreu no Hospital.

* * *

Jovens de minha terra, ainda em flor ! Imitai-o,
Pois é uma honra morrer como o escoteiro Caio !
Em Minas seja um dogma, um protesto de fé:
Se um escoteiro tombar, caia sim... mas de pé.
Brasileiros, pensai vendo êsse adolescente,
Como sabe morrer um escoteiro valente !

Ele era do padrão, mas ninguém negará
Dos Voluntários, leões nas raias de Humaitá.
Só há gente dessa prol da história no atropêlo,
Em Greenhalgh e Marcílio, os campeões do Riachuelo,
Que morreram matando, em sinistro abordar,
Quem tentava poluir nosso pendão solar !

No remanso da paz, da guerra nos galopes,
Moços de meu país, irmãos do Guia Lopes,
Lembraí-vos de que sois herdeiros dêsse bom.
Sangue tupinambá que odiou Villegaignon.
Tende na hora triunfal ou na última trincheira,
Como uma hóstia sagrada, a auri-verde bandeira.
Nas horas do perigo — é o céu que nos conduz —
Olhai sempre o Brasil como um sonho de luz !
Nas farturas da paz ou ante um incerto destino,
Pensai como morreu êsse altivo menino
Que teve, na ambição de servir seu país,
A honra de um Bayard num corpo de S. Luiz...

Hoje em tôda a Nação, que para frente avança,
O nome dêsse bravo é um penhor de confiança !
Para não desprezar seu glorioso pendão
Teve a fibra sem par do eterno Antônio João;
Nesse instante talvez evocasse os soldados
Da epopéia marcial de Laguna e Dourados.
Pequenino e modesto, (é assim que a honra faz lei !),
Grande, soube morrer — dando lustre à sua grei.
Porquê onde tremular nosso tope sagrado
Nosso escoteiro, fiel, está sempre a seu lado !
Para segui-lo tem, lembrando um transe mau,
A lealdade de cão do escravo Nicolau.
Servindo a seu país, dos perigos no travo,
Êle só tombará se tombar como um bravo !
O mineiro ama a Pátria e seu sangue viril
Não pertence a ninguém: só pertence ao Brasil !

Guardando a nossa glória e êste solo querido,
Brasileiros, velai ! vivei sempre *em sentido* !
Com tal voto de amor e esta gente de bem
Ninguém lhe há-de ferir nos seus brios, ninguém !

Cada qual deve ter, cada vez mais ainda,
Como um trapo do céu, nossa bandeira linda,
Que jamais tombará enquanto houver um só
Brasileiro que possa, alto, erguê-la do pó !

Dêste zêlo, ó inimigo, é impossível que escapes,
Porque palpita em nós o élan dos Guararapes !
Inimigos, é em vão ! Tudo em vão ! Com altivez
Sabe honrar o seu nome o povo montanhês.
Nossa bandeira oscile, em perpétuo festejo:
Ninguém a tome às mãos a não ser para um beijo !

Meu país, por te amar, no entusiasmo comum
Quem de nós quer viver sem ser por ti ? Nenhum,
Pois preciso é saber, sem o mínimo engano,
Que o meu Brasil é o sol do mundo americano !

Amai sempre êste chão que do tempo através
Teve, para guardá-lo, ao clamor dos borês,
Contra o ousado invasor, nas batalhas mais vivas,
Bruto, o sangue pagão das tribus primitivas.

Meu filho, os mortos lembra, e quem morreu por ti !

Os de Monte Castelo ! e Montese ! e Avaí !

Gente moça, amai sempre o Brasil e, em sua história,
Aprendeí a morrer com um sorriso de glória.

* * *

Foi assim que morreu, lembrando os paladins,
O escoteiro-padrão Caio Viana Martins.

IMPrensa OFICIAL
Belo Horizonte — 1951